

Diz Chamar-se Povo de Joaquim Pedro Marques Pinto integra a exposição coletiva *Angola - da certeza da madrugada à clareza do amanhecer*.

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA
João Lafuente e Manuela Matos Monteiro

Direção Artística
José Maia

Autoria do texto crítico
Joaquim Marques Pinto

Fotografia e Vídeo
João Lafuente, Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, Rui Apolinário e José Vaz Silva

Assistentes de galeria
Patrícia Barbosa, Odete Correia, Gisela Catarino, Juliana Freitas

Espaço MIRA

Rua de Miraflor, 159
Campanhã, Porto
929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net
www.facebook.com/espacomirafotografia
www.facebook.com/groups/espacomira

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00
Entrada Livre



Diz chamar-se povo

por Joaquim Pedro Marques Pinto

11 Nov - 5 Dez 2015

*O sol é nosso, Pioneiro!
E a vitória é Certa!*

Manuel Rui, *As Crianças* (Onze, 1976-1984)

Angola – da certeza da madrugada à clareza do amanhecer é um momento presente no Espaço MIRA que visa relembrar e homenagear os 40 anos da independência de Angola, proclamada a 11 de Novembro de 1975, partindo de uma perspectiva multidisciplinar e reunindo o trabalho de artistas, críticos, fotógrafos, arquitectos e *designers* portugueses e angolanos para a elaboração de uma obra colectiva que convoca a pintura, o desenho, a instalação, a música e a performance, a animação, a fotografia e o vídeo. No primeiro pavilhão Paulo Moreira mostra, em três fases (antes, durante e após a proclamação da independência) as capas do Jornal de Angola, revelando um contexto histórico vivido na ressaca da revolução, e uma panorâmica aérea captada através de um helicóptero que sobrevoa a cidade de Luanda, propondo uma dimensão sonora que confere um cunho de proximidade face ao real observado. Nuno Ramalho desenha no solo uma grande teia, cartografia de encontros e dissonâncias sob a égide da palavra que se fragmenta e se transforma num renascer solidário e harmonioso entre os povos. A instalação de Sílvia Leiria Viegas cruza a imagem com o texto, devolvendo um olhar arquitectónico e etnográfico sobre Angola na sua actualidade. No segundo pavilhão, somos convidados a ver e a ser vistos pelas fotografias a preto e branco de Estêvão Lafuente, um retrato simultaneamente social, cultural e paisagístico da pátria angolana (veja-se o vendedor de mapas ou o engraxador de sapatos, os edifícios presidenciais, grandes extensões de rio e montanha ou o genuíno sorriso das mães e das crianças) e pelo filme de animação de Ana Luandina, preenchido pela luz e pela cor, que evidencia um intenso movimento urbano em diálogo com o incessante trânsito humano. José Almeida Pereira torna literal o conceito de *gasosa* (o termo que indica em Angola a passagem não declarada do dinheiro), dispondo no espaço múltiplas garrafas acompanhadas por notas e uma sertã cuja base é composta pelas cores da bandeira de Angola e pelo logótipo de uma companhia

de exportação de petróleo, encerrando assim uma crítica ao regime de exploração económica mas também um elemento de identificação com a cultura angolana (a máscara que cobre o rosto do artista). Paulo Kapela, através da colagem e da assemblagem, recorre à imprensa da época a fim de pensar as consequências e implicações do processo de libertação (intervenção da caligrafia sobre o corpo do texto), Lino Damião constrói um mural no qual, entre ilustrações e cores translúcidas, se destaca o poema *Voz do Sangue*, escrito por Agostinho Neto em 1948 e incluído n' *A Renúncia Impossível* (eu junto/ao vosso magnífico canto/a minha pobre voz/os meus humildes ritmos), e ainda Hamilton Francisco que, na encruzilhada do figurativo e do abstracto, do guerrilheiro erguendo o punho às linhas e formas em constante mutação, produz telas e objectos quase-fauvistas, de um sólido rigor cromático. Finalmente, *O Povo Angolano Vencerá*, de Pedro dos Reis, alude ao famoso Processo dos 50, iniciado em 1959 e denunciado em folheto por Joaquim Pinto de Andrade ao seu irmão Mário Pinto de Andrade, ensaísta e teórico anti-colonial exilado em Paris, em que se registava a prisão de nacionalistas angolanos acusados de organizar actividades subversivas contra as autoridades portuguesas, um acontecimento que viria a influenciar decisivamente a formação dos movimentos de libertação nacional e a subsequente luta armada. Mas, passados 40 anos, e apesar da fragilidade da democracia angolana (pensemos imediatamente no recente caso Luaty Beirão) ainda podemos, com Manuel Rui, saborear a *lágrima alegre* do 11 de Novembro? Da madrugada ao amanhecer há uma claridade que quer romper.